

# Macabéa

ISSN 2316-1663

Revista Eletrônica do Netli, Volume 7, Número 1, Jan.-Jun., 2018

## A MALDIÇÃO DAS FILHAS DE EVA: A MULHER BRASILEIRA PELOS OLHOS DE UM VIAJANTE ESPANHOL



## THE CURSE OF EVE'S DAUGHTERS: THE BRAZILIAN WOMAN BY THE EYES OF A SPANISH TRAVELER

Ruan Fellipe Munhoz  
PLE/UEM, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR  
RECEBIDO EM 13/10/2017 • APROVADO EM 30/06/2018

---

### Abstract

---

Our aim in this article is to present a reading of the Travel report titled *Viaje al otro Brasil: Del Mato Grosso a la Amazonia y al Nordeste Atlántico*, published in 2002 by the Spanish Javier Nart, emphasizing the way the image of the Brazilian woman is built in the work. The issues related to the concept of travel produced by the subject and their natural consequence, that is the report, will be worked on from the definitions proposed by Carrizo Rueda (2008). In the same way, we use the concepts developed by Souza (2004) regarding the subjective process of image formation, which passes through the hegemonic discourses embedded in society. We also use the propositions raised by Holanda (2010), seeking to reconstruct the idea of Terrestrial Paradise, very widespread at the time of the great navigations, and the religious discourse that blames Eve for having taken from humanity the right to enjoy the paradisiacal space constructed by God. This discourse, currently used to support the authoritarian and persuasive position presented by the elite, is materialized as hegemonic, making it dignified as true. This discussion will lead us to reflect the construction of chauvinism, female stereotypes, political imperialism,

dual colonization and the objectifying ideology that represses women, based on the themes raised by Bonnici (2007).

---

## Resumo

---

Nosso intuito neste artigo é apresentar uma leitura do relato de viagens intitulado *Viaje al otro Brasil: Del Mato Grosso a la Amazonia y al Nordeste Atlántico*, publicado em 2002 pelo espanhol Javier Nart, enfatizando a forma como a imagem da mulher brasileira é construída na obra. As questões relativas ao conceito de viagem produzida pelo sujeito e a sua consequência natural que é o relato serão trabalhadas a partir das definições propostas por Carrizo Rueda (2008). Da mesma forma, empregamos os conceitos desenvolvidos por Souza (2004) a respeito do processo subjetivo de formação da imagem, que passa pelos discursos hegemônicos incrustado na sociedade. Utilizamos, ainda, as proposições levantadas por Holanda (2010), buscando reconstruir a ideia de Paraíso Terreal, muito difundida na época das grandes navegações, e o discurso religioso que culpabiliza Eva por ter tirado da humanidade o direito de usufruir do espaço paradisíaco construído por Deus. Esse discurso, utilizado até hoje para fundamentar a posição autoritária e persuasiva apresentada pela elite, é materializado como hegemônico, fazendo com que seja dignificado como verdadeiro. Essa discussão nos levará a refletir a construção do machismo, dos estereótipos femininos, do imperialismo político, da dupla colonização e da ideologia objetificadora que reprime as mulheres, a partir dos temas levantados por Bonnici (2007).

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Travel report. Terrestrial Paradise. Eve. Chauvinism.

**PALAVRAS CHAVE:** Relatos de viagens. Paraíso Terreal. Eva. Machismo.

---

## Texto integral

---

### INTRODUÇÃO

Uma viagem física de quarenta dias produzida pelo escritor, advogado, antigo correspondente de guerra, fotógrafo e político Javier Nart dará origem ao relato intitulado *Viaje al otro Brasil: Del Mato Grosso a la Amazonia y al Nordeste Atlántico*<sup>1</sup>. O percurso tem início no município de Bonito, Mato Grosso do Sul, chegando até a famigerada ilha de Fernando de Noronha, arquipélago brasileiro localizado no estado de Pernambuco.

A narrativa em primeira pessoa apresenta uma tradução de Brasil a partir do contato entre mundos, entre a cultura europeia e a brasileira. Nesse contexto, buscamos discutir neste artigo as construções imagéticas da mulher, apresentada como admirável e passiva, destinada a atender as necessidades pessoais de um narrador do sexo masculino, europeu e que se insere em um contexto de dominação.

Nosso objetivo ao apresentar essas imagens é refletir as consequências da criação de estereótipos que funcionam como um mecanismo de inferiorização de um determinado grupo social. Essas construções discursivas precisam ser contestadas e afastadas da ideia de imagem nacional para deixar de funcionar como mecanismos de reprodução de preconceitos e mal-entendidos.

Para tanto, trabalhamos a amplitude do conceito de viagem discutida por Ianni (2003), a consequente produção do relato de viagem definido por Carrizo Rueda (2008), os pressupostos defendidos por Souza (2004) para trabalhar as questões relativas ao processo de criação imagética e, por fim, nos basearemos, fundamentalmente, em Holanda (2010) para discutir a ideia de Paraíso Terreal e como a maldição de Eva fundamenta muitos discursos de dominação da mulher brasileira.

## DISCUSSÃO

É comum encontrarmos o conceito de “viagem” utilizado para significar o deslocamento espaço-temporal que um indivíduo produz em determinado momento da sua história. No entanto, Ianni (2003) discute os sentidos metafóricos para esse termo tão utilizado nas ciências sociais e humanas, enfatizando o caráter transgressor desse ato que, literal ou metaforicamente, destina-se a ultrapassar fronteiras.

Sem sair do lugar, pode-se viajar longe, no tempo e no espaço, na memória e na história, no pretérito e no futuro, na realidade e na utopia. E são muitos os que mergulham em si mesmos, como em uma travessia sem fim, podendo ser tranqüila ou alucinada, deslumbrante ou desesperada'. (IANNI, 2003, p. 29)

Independentemente do tipo de viagem produzida e dos objetivos do viajante, é importante ressaltar que esse ato só terá validade para as ciências humanas quando proporcionar a transmissão das experiências por meio da narração oral ou escrita. Analisando superficialmente a história da humanidade, percebemos que o relato de viagens atravessou os séculos e se constituiu como uma maneira possível de apresentar as percepções e as desordens do mundo. Diferentes sociedades sempre buscaram representar, por meio de palavras, as suas aventuras por lugares desconhecidos, o descobrimento de novos territórios e, conseqüentemente, discorrer sobre o conhecimento adquirido em contato com o *outro*.

Para verbalizar e materializar suas experiências, o ser humano precisa primeiramente criar uma imagem do mundo. Para isso é necessário cumprir a tarefa de organizar as sensações, para, em seguida, reconhecê-las e classificá-las. Todos os

significados produzidos nesse processo não são estáveis, eles se apresentam como uma tentativa de delimitar e estabelecer alguma ordem nessa instabilidade universal.

Essas sensações as quais nos referimos são reações nervosas ligadas aos órgãos sensoriais do indivíduo que entra em contato com o mundo exterior. Sabendo que a realidade não se apresenta de forma objetiva aos nossos olhos, olfato, paladar, tato e audição, a produção de significado também apresenta suas limitações e subjetividades.

Sabe-se que o homem adulto não experimenta sensações puras. Não vê a luz ou as cores, não ouve simplesmente os sons ou ruídos, não sente os odores de maneira isolada. Ao contrário, sabe-se que este perfume é de uma rosa, que aquele ruído é da buzina de um carro que passa na rua, que esta luz é da lâmpada de seu quarto de trabalho. Estas sensações têm, assim, um caráter subjetivo e um valor relativo, pois não nos revelam os referentes tal como na realidade são, mas como eles são para nós. (SOUZA, 2004, p. 94)

Nesse ínterim, precisamos sempre levar em consideração que quando interpretamos determinado referente não mais percebemos o referente em si, mas o referente subjetivado e contextualizado por meio do processo analítico das sensações. Sendo assim, os significados, sensações e percepções adquiridas com o decorrer da vida se fundem a elementos de ordem sociais e culturais, para, finalmente, produzir uma interpretação coerente e verossímil na situação específica que o indivíduo se encontra.

A partir de todo esse processo de objetivação das sensações é que se torna possível a construção das imagens.

A imagem seria, portanto, a reviviscência ou a representação de uma sensação/percepção ou de um conjunto de sensações/percepções, que se encontram arquivadas na memória, e que, portanto, acontece na ausência do objeto que os provocou. A imagem seria, assim, uma configuração simbólica do real, efetuada no âmbito do cérebro, passível de ser mediatizada por um código (com todas as suas implicações). A imagem seria, portanto, uma forma de mimese, não se considerando aqui mimese em seu sentido tradicional unívoco de cópia fiel, mas ampliando-lhe o espectro conceitual para todas as representações possíveis que, afinal, são tentativas de tradução, quer de realidades exteriores quer de realidades interiores, pois estes dois tipos de realidades estão intrinsecamente interligados. (SOUZA, 2004, p. 84)

Tudo o que foi produzido até hoje é discutível, passível de subjetivação e de desconfiança, até mesmo o discurso científico, justamente por ser constituído de palavras, mecanismo utilizado não apenas para simbolizar as referências, mas também para indicar as emoções de quem as produziu. Dessa forma, as referências não podem ser significadas apenas pelo que são, deve ser considerado o fato de serem produzidas em contextos.

Nosso objeto de estudo neste trabalho é o relato de viagens, que se encontra inserido no campo literário e que é definido por Carrizo Rueda (2008) como um texto em que se apresentam memórias, informações sobre as experiências vividas através de viagens. Durante muito tempo esses escritos foram destinados aos historiadores, sociólogos e antropólogos, sendo relegados à margem pela crítica literária, justamente por suas características fronteiriças entre a ficção e o documental. Apesar desse gênero ser concebido a partir de uma vivência real do narrador, ele apresenta uma verdade construída subjetivamente, sendo assim o que é transmitido não se configura como realidade objetiva e concreta, mas como representação, mimese.

A mimese não é um fenômeno estático, mas um processo bastante flexível e plástico, pois na verdade está presente sempre que se tenta entender a realidade e exprimi-la. Há mimese tanto no discurso da história, da filosofia, etc., quanto no discurso literário, desde a prosa até a poesia. A mimese atravessa todo o imaginário do indivíduo. (SOUZA, 2004, p. 103)

Portanto, podemos afirmar que toda produção de conhecimento nas ciências humanas requer o envolvimento do autor como sujeito inserido em determinado contexto social e cultural. Transpondo essa questão para nosso trabalho, entendemos que quando um indivíduo chega a um país estrangeiro, ele o estuda a partir da sua realidade pessoal, aproximando-se primeiramente como estrangeiro e depois como indivíduo. Isso significa que, mesmo que de forma obscura, o sujeito traz consigo a história, os interesses e os objetivos individuais e também os que foram construídos coletivamente.

A partir dessas observações conseguimos iniciar nossa caminhada pela obra escolhida como base para este artigo. *Viaje al otro Brasil: Del Mato Grosso a la Amazonia y al Nordeste Atlántico* tem início entre o suor e o medo do viajante que se encontra suspenso a setenta e quatro metros de altura sobre o imenso abismo Anhumas, localizado no município de Bonito, Mato Grosso do Sul. Nesse espaço o turista espanhol Javier Nart inicia a sua caminhada de quarenta dias, percorrida juntamente com a sua filha Laia, até a famigerada ilha de Fernando de Noronha.

O narrador oferece construções imagéticas da paisagem, da mulher e de todos os elementos que constituem o território brasileiro como seres admiráveis e passivos, destinados a atender as suas necessidades pessoais. Diante desses aspectos enfatizados, compreendemos que o narrador constrói as suas imagens de

referências baseadas na ideia de Paraíso Terreal, aspecto importante presente no imaginário europeu e nos relatos de viagens desde os primórdios.

Sérgio Buarque de Holanda destaca, logo nas primeiras linhas de *Visão do Paraíso*, que o interesse pela maravilha e pelo mistério é uma característica importante na qual se centraliza os viajantes e cronistas espanhóis na época das grandes navegações. No momento do desembarque, os viajantes maravilhados com o espaço que surgia a frente dos olhos, viam o que era conveniente, escutavam o que era necessário para reforçar o mundo edênico presente no imaginário coletivo europeu.

Nessa perspectiva, a natureza era apresentada com todo seu esplendor, os animais exóticos tinham a beleza ressaltada e a configuração climática chamava a atenção dos viajantes. A América era apresentada como uma terra imaculada, um espaço paradisíaco, um lugar livre de todo pecado. Todas essas potencialidades levavam a crer que o *Novo Mundo* era a própria personificação do Paraíso Terreal, cuja ideia surgiu dos textos produzidos anteriormente e, evidentemente, remonta às tradições ligadas ao cristianismo e a visão simbólica da natureza difundida pelos padres da Igreja durante os séculos.

O ponto de partida para as ‘visões’ medievais do Paraíso encontra-se, naturalmente, no *Gênesis*, 2, 9-25 e 3, 1-24, onde se narra como o Senhor Deus, tendo criado o homem, em quem insuflou o fôlego da vida e o fez assim alma vivente, plantou para sua habitação um horto ‘da banda do Oriente’. Ali espalhou, por toda a parte, plantas agradáveis à vista e boas para a comida: no meio destas achava-se a árvore da vida, cujos frutos dariam vida eterna, e a da ciência do bem e do mal, única expressamente defesa ao homem, sob pena de morte. (HOLANDA, 2010, p. 227)

Na história bíblica, logo após esses fatos a que se viram sujeitos os primeiros habitantes do Éden, a imagem idílica começa a ser desconstruída. A harmonia em que todos os seres vivos estavam inseridos também se dissipará em consequência do pecado cometido. O Jardim passa de lugar mágico para espaço onde reina o medo, o espanto e o perigo. Fora dos portões do Paraíso e ao lado de toda beleza natural e dos seres perfeitos criados pelo Todo Poderoso se encontra a dor, o desespero, a mortalidade.

Eva levou Adão ao pecado e tirou da humanidade futura a possibilidade de usufruir da inocência e do espaço paradisíaco construído com toda perfeição pelo poderoso Deus. Em consequência desse fato, a mulher, que partilha da essência de Eva, precisa até hoje continuar permanentemente controlada pelo poder patriarcal, condenada a pagar eternamente pelo erro cometido pela figura mítica da primeira fêmea que habitou a Terra.

Muito embora os textos religiosos indiquem que Deus puniu a humanidade pelos erros de ambos habitantes do Paraíso, vários intelectuais pertencentes ao

patriarcado isentam Adão de qualquer responsabilidade. Dessa forma, toda ideia de corrupção deste mundo é consequência do Pecado e da Queda, atribuídos fundamentalmente à mulher e, por isso paira sobre elas uma maldição, cobrada incansavelmente ainda hoje.

Esses sentimentos opostos permaneceram durante os séculos no imaginário europeu, fazendo com que se acreditasse, pautados nos registros bíblicos, na existência física desse mundo paradisíaco. A influência dessa crença formatará o pensamento da época, fazendo nascer a esperança de atingir em algum momento o tão sonhado espaço livre de pecado para responder aos desejos de redenção e de retratação com Deus.

Uma confusa esperança restava, porém, de que aquelas portas do Éden não estariam definitivamente fechadas, e de que o acesso aos jardins sagrados seria dado, porventura, a quem o buscasse com ânimo piedoso ou – quem sabe? – com assombrado brio. (HOLANDA, 2010, p. 238)

O espaço do qual os primeiros habitantes fizeram parte se tornou inatingível aos seres humanos, porém havia a esperança dele estar perdido em algum lugar muito distante, ainda desconhecido e só poderia ser atingido a partir de grandes esforços, da extrema coragem e da piedade divina.

Essa psicose do maravilhoso não se impunha só à singeleza e credulidade da gente popular. A ideia de que do outro lado do Mar Oceano se acharia, se não o verdadeiro Paraíso Terreal, sem dúvida um símile em tudo digno dele, perseguia com pequenas diferenças, a todos os espíritos. A imagem daquele jardim fixada através dos tempos em formas rígidas, quase invariáveis, compêndio de concepções bíblicas e idealizações pagãs, não se podia separar da suspeita de que essa miragem devesse ganhar corpo num hemisfério ainda inexplorado, que os descobridores costumavam tingir da cor do sonho. E a suspeita conseguia impor-se até mesmo aos mais discretos e atilados, àqueles cujo espírito se formara no convívio assíduo com os autores da Antiguidade. (HOLANDA, 2010, p. 273)

Os primeiros viajantes europeus que desembarcaram na América avistaram um cenário considerado miraculoso: composto de mistérios e de infinitas possibilidades. A vegetação exuberante, a profunda fertilidade da terra, as aves multicoloridas e a falta de pecado dos nativos, ofereciam-lhes subsídios para as descrições do espaço que remetiam diretamente ao Éden. Segundo Holanda (2010), é nesse contexto que a expressão *Novo Mundo*, criada por Anghiera, antes mesmo de Vespúcio, é utilizada pelos viajantes para designar as terras “descobertas”.

Novo. Não só porque, ignorado, até então, das gentes da Europa e ausente da geografia de Ptolomeu, fora 'novamente' encontrado, mas porque parecia o mundo renovar-se ali, e regenerar-se, vestido de verde imutável, banhado numa perene primavera, alheio a variedade e aos rigores das estações, como se estivesse verdadeiramente restituído à glória dos dias da Criação. (HOLANDA, 2010, p. 307 e 308)

Com o passar do tempo os viajantes permaneceram buscando incansavelmente o Jardim das Delícias, porém essa imagem paradisíaca americana perdeu a intensidade. No entanto, ela não foi excluída totalmente do imaginário europeu, visto que ainda hoje esses discursos são utilizados pelo Ocidente como forma de dominação do Oriente, assim como o discurso que culpabiliza as mulheres pela perda da glória de habitar tal espaço permanece sendo reproduzido até hoje, tornando-se também um ponto-chave para entender a relação de gênero na sociedade ocidental. Em suma, a mulher inserida no chamado "Terceiro Mundo" é duplamente colonizada, pois, como afirma Bonnici (2007), elas sofrem com o poder imperial e também é alvo da opressão do patriarcado. Diante disso, entendemos que o discurso do colonizador interpela homens e mulheres de maneiras distintas, sendo que elas são inferiorizadas tanto por questões relacionadas à raça, quanto ao sexo.

Com base nesses pressupostos, entendemos que a literatura é uma instituição capaz de construir, disseminar ou modificar as imagens estabelecidas ideologicamente sobre as identidades de gênero. A partir de algumas imagens femininas construídas a partir do olhar do homem-europeu-colonizador de Javier Nart, perceberemos que "as mulheres continuam sendo estereotipadas e marginalizadas até por autores pós-coloniais" (BONNICI, 2007, p. 67), evidenciando que a sociedade patriarcal ainda se utiliza de artifícios para estabelecer o seu domínio sobre as filhas de Eva.

Os mecanismos que formatam o imaginário de um povo e a forma como ele recria a imagem do *outro* é complexo, por isso, constantemente, nos deparamos com estereótipos baseados em preconceitos explicáveis por fatores históricos, sociais, religiosos e reforçados pela mídia e por uma elite com pensamento colonizador. É indiscutível que tais estratégias são utilizadas com uma finalidade específica: o objetivo sempre será a manutenção do poder constituído como hegemônico.

Na obra analisada, observamos que, mesmo com a tentativa de construir uma análise coerente e verossímil de Brasil, Javier Nart não consegue se desprender dos estereótipos difundidos pelas diversas instituições de dominação e da sua própria gênese colonizadora. Um viajante que explora o corpo da mulher e se acha no direito de falar por elas, de mostrar o que sentem e dizer quem são. O fato de ser homem, europeu, relativamente rico, inserido em uma cultura dominante e hegemônica daria a ele o direito de usufruir da sua posição privilegiada e possuir, literal ou metaforicamente, o corpo feminino.



A mulher representada a partir do seu corpo e centralizada na sexualidade, característica recorrente na literatura e na mídia em geral, é o aspecto central do qual nos dedicamos neste trabalho, ressaltando o caráter utilitarista dado a elas. Nesse sentido, logo no início da obra entramos em contato com um dos fatores que influenciaram a vinda de Nart ao Brasil: Pablo, seu irmão, fora contratado anos antes por uma agência especializada da ONU para trabalhar na Bolívia e partiu para o Brasil logo após o término das obrigações.

Assim, meu irmão Pablo, mochila no ombro e esperança na alma, decidiu trocar os porcos bolivianos pelo mítico e esplendoroso biótopo de mulatas que qualquer espanhol que se preze associa de maneira automática com o país-continente que é o Brasil.<sup>2</sup> (NART, 2002, p. 11)

Fica evidente nesse excerto que a motivação do viajante se estabelece primeiramente pela ligação feita entre o país e as mulheres descritas a partir da sensualidade, característica considerada como pertencente à constituição biológica da brasileira. Essa exaltação dos aspectos físicos da mulher, frequentemente utilizadas pela mídia nacional e estrangeira, auxilia a criação desse estereótipo hipersexualizado tão explorado quando se fala em Brasil.

A animalização da mulher, especificamente a mulher negra, fica evidente no momento em que é estabelecida a sua comparação com os porcos. Partindo dessa ideia, percebemos que a Bolívia é apresentada como um local propício à criação de mamíferos da ordem dos suínos, enquanto o biótopo brasileiro proporciona o nascimento e o desenvolvimento dessas mulheres naturalmente atrativas. Fica visível que para esse narrador o espaço contribui para a animalização humana.

A intensidade subia tanto em sonoridade como em velocidade, incrementado com o frenesi de timbaleiros e dançantes. De mulheres, de meninas. Garotas preciosas e gordas apoteóticas, todas elas detentoras de graça de agilidade, proprietárias instintivas dessa capacidade que possuem os africanos ou os seus descendentes para adaptar ombros, quadris, pernas e braços à música, ao ambiente, e que carecemos em outras latitudes.<sup>3</sup> (NART, 2002, p. 294)

Observamos nessa passagem a ideia, difundida enormemente pela mídia e que serve como atrativo turístico para os estrangeiros, de que a negra possui uma condição física inerente que proporciona o natural potencial para a dança. Essas características apresentadas como parte da biologia da mulher de descendência africana são atribuídas como generalizações raciais, evocando imagens de conduta moral e ligada a sedução. Essa atitude transformam as brasileiras em seres

destinados a contemplação, ao deleite e ao utilitarismo, essencialmente por não se adequarem ao modelo branco instituído como “natural” e digno de respeito.

A cobertura se transformava em pista de dança animada pelos estrondosos alto-falantes de um metro e meio de altura que lançavam seus decibéis a todo vapor: forró, samba e outros ritmos dessa terra. É assim então que a pessoa compreende e assume que os quadris se dividem em dois grandes grupos: os nossos e os dos brasileiros-caribenhos. Aqueles de difícil mobilidade e estes que se contorcem de forma ininterrupta e inverossímil.<sup>3</sup> (NART, 2002, p. 177)

As qualidades atribuídas às mulheres negras em oposição ao referente branco evidenciam a exotização desse grupo periférico. Essa oposição entre o *eu* e o *outro* expõe uma forma de discriminação construída pelo discurso e que funciona como política de hierarquização racial e cultural. Esse tipo de representação “se concentra em construir o colonizado como população de tipo degenerado, tendo como base uma origem racial para justificar a conquista e estabelecer sistemas administrativos e culturais” (BHABHA, 1991, p. 184).

Por esse viés, entendemos que para o colonizador é necessário que alguém ensine ao sujeito dominado que eles são diferentes e, conseqüentemente, inferiores por se afastarem do modelo instituído como natural. Por outro lado, é preciso expressar que ao mesmo tempo em que a representação dessa alteridade gera estranheza, ela também produz fascínio.

Havíamos nos alojado no hotel Djamila. Seus proprietários eram uma amável e serviçal negra gordíssima, casada com um palestino-brasileiro cuja atividade se reduzia a contemplar seus domínios desde uma poltrona na recepção, deixando as tarefas ingratas de gestão a cargo de sua ativíssima esposa: recepcionista, cozinheira, camareira, faxineira, etc., tudo em uma.<sup>5</sup> (NART, 2002, p. 23)

Apesar da aparente caracterização positiva da personagem, percebemos que essa mulher, cujo nome não conhecemos e cuja voz não ouvimos, é a representação da mulher amável, doadora, ativa nos assuntos concernentes às atividades domésticas, mas totalmente passiva no que diz respeito a sua própria vida e vontades. O que chama a atenção na sua descrição é a constituição física superlativa que possibilita que ela cumpra com todas as suas obrigações no estabelecimento.

Interessante observar que, enquanto a mulher desempenha suas funções que vão desde as atividades burocráticas até os trabalhos relativos à limpeza do hotel, o homem é apresentado como um sujeito contemplativo, cuja incumbência é somente observar todas as ações da esposa. A posição de superioridade desse

personagem masculino evidencia a condição de subserviência da mulher, descrita como um objeto utilitário que parece aceitar a sua posição de bom grado, já que ela é observada pelo marido e exposta pelos olhos do macho narrador.

Essa objetificação da mulher é destacada e elevada à potência máxima quando o narrado a compara com uma simples caipirinha: “extraordinário produto nacional, quiçá o melhor juntamente com as mulatas, que é a caipirinha” <sup>6</sup>(NART, 2002, p. 86). Fica patente que essa voz autoritária aproxima as brasileiras negras de “coisas” úteis para atrair o estrangeiro e servir de chamariz turístico para o país.

A partir dessa análise sintética de algumas imagens da mulher baseada nos seus aspectos físicos percebemos que essa prática vai de encontro com a necessidade do homem em manter o poder patriarcal e imperial instaurado na sociedade, justificando muitas vezes tal atitude por argumentos de ordem religiosos que fazem referência a imagem de Eva e ao Pecado Original.

A hierarquização dos gêneros se estabelece como uma forma de dominação do patriarcado, aplicada de forma determinista nos discursos correntes e em objetos artísticos e culturais que penetram instituições como escola, família, sindicatos, templos religiosos, exército, polícia, promovendo a reprodução mecânica, entrando no inconsciente dos seres humanos e se tornando norma.

Esse discurso autoritário que é construído e disseminado de forma altamente persuasiva, apresenta-se como cânone, como discurso hegemônico e dignificado como verdadeiro. Isso ocorre de forma impositiva e apresenta um objetivo de dominação que, no mínimo, constrói de forma coercitiva uma “teia de racismo, estereótipos culturais, imperialismo político, ideologia desumanizadora que reprime” (SAID, 2007, p. 59).

Nossa intenção apresentando essas imagens construídas a partir do discurso dominante, e muitas vezes reproduzidas pelos grupos dominados, é de que mesmo se utilizando de mecanismos subjetivos e sutis, dentro de uma nação supostamente multicultural, o machismo é latente e precisa ser desconstruído. Os estereótipos que visam categorizar, diminuir, inferiorizar algum grupo social devem ser contestados e afastados da ideia de imagem nacional.

Por tudo isso, precisamos repensar a autoridade de quem fala e, posteriormente, contestar o que é falado, desconstruir discursos hegemônicos, buscar verdades que façam sentido no nosso meio social, para, assim, deixar de atender as necessidades do grupo dominante, nos voltando essencialmente para os que sofrem com o processo de dominação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

São muitas as técnicas utilizadas para recriar a imagem do *outro*, mas frequentemente nos deparamos com estereótipos baseados em preconceitos

explicáveis por fatores históricos, sociais e religiosos, e reforçados pela mídia e por uma elite com pensamento dominador. É indiscutível que tais estratégias são utilizadas com uma finalidade específica: a manutenção do poder colonial.

No relato de viagens produzido por Javier Nart percebemos que as imagens são construídas a partir de estereótipos difundidos pelas diversas instituições de dominação e da sua própria gênese colonizadora. Esse narrador faz uso dos seus privilégios (ser homem, europeu, relativamente rico, colonizador) para explorar o corpo da mulher brasileira e se acha no direito de falar por elas, de descrever o que elas sentem e construir um padrão de identidade comum para elas. Percebemos também que em nenhum momento é dada voz para que essas mulheres se expressem, elas se configuram como parte da paisagem, consideradas como seres objetificados. Sendo assim, a narrativa não apresenta uma expressão da realidade, senão uma representação feita a partir da ideologia dominante de um viajante europeu.

Por fim, devemos enfatizar que falar de forma genérica das mulheres, das mulheres brasileiras e das mulheres brasileiras negras é algo definitivamente impossível, assim como é impossível elencar todos os estereótipos construídos pelos estrangeiros. Por esse motivo, nosso objetivo com este trabalho foi somente discutir essas questões relacionadas a uma obra específica e fazer refletir os preconceitos que a sociedade ainda apresenta de forma aparente ou velada.

## Notas

1 Não existe uma versão da obra em língua portuguesa, por esse motivo todas as traduções citadas neste trabalho são de nossa total responsabilidade.

2 Así, mi Hermano Pablo, mochila al hombro y esperanza en el alma, decidió cambiar los gorrinos bolivianos por el mítico y esplendoroso biotopo de mulatas que cualquier españolito que se precie asocia de manera automática con el país-continente que es Brasil. (p. 11)

3 La intensidad subía tanto en sonoridad como en velocidad, incrementando el frenesí de timbaleros y danzantes. De mujeres, de niñas. Preciosas muchachas y gordas apoteósicas, todas ellas gráciles y ágiles, propietarias instintivas de esa capacidad que poseen los africanos o sus descendientes para adaptar hombros, caderas, piernas y brazos a la música, al baile, y de la que carecemos en otras latitudes. (NART, 2002, p. 294)

4 La cubierta superior se transformaba en pista de baile animada por los atronadores altavoces de metro y medio de alto que lanzaban sus decibelios a todo trapo: forró, samba y otros ritmos de estas tierras. Y era entonces cuando uno comprendía y asumía que las caderas se dividen en dos grandes grupos: las nuestras y las brasileño-caribeñas. Aquellas de difícil movilidad y estas que se contonean ininterrumpida e inverosímilmente. (NART, 2002, p. 177)

5 Nos habíamos alojado en el hotel Djamilá. Sus propietarios eran una amable y servicial negra gordísima, casada con un brasileño-palestino cuya actividad se reducía a contemplar sus dominios desde un sillón en recepción, dejando las ingratas tareas de gestión a cargo de su

activísima esposa: recepcionista, cocinera, camarera, limpiadora, etc., todo en uno. (NART, 2002, p. 23)

6 (...) extraordinario producto nacional, quizás el mejor junto con las mulatas, que es la caipirinha. (NART, 2002, p. 86)



---

## Referências

---

BHABHA, H. A questão do “outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLANDA, H. B. de. **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

BONNICI, T. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem 2007.

CARRIZO RUEDA, S. A. Construcción y recepción de fragmentos de mundo. In: CARRIZO RUEDA, S. A. (ed.) **Escrituras del viaje**. Buenos Aires: Biblos, 2008.

DIJK, Teun A. van (org.). **Racismo e discursos na América Latina**. Ed. Contexto-Unesco-Brasil, 2008.

HOLANDA, S. B. de. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

IANNI, O. A metáfora da viagem. In: IANNI, O. **Enigmas da modernidade-mundo**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

NART, J. **Viaje al otro Brasil. Del Mato Grosso a la Amazonia y al Nordeste Atlántico**. Madrid: Punto de lectura, 2002. 366 p.

SAID, E. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Paulo Vinícios Baptista da; ROSEMBERG, Fúlvia. Brasil. Lugares de Negros e Brancos na Mídia. In: DIJK, Teun A. van (org.). **Racismo e Discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2012.

TODOROV, T. **A conquista da América. A questão do outro**. Trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TODOROV, T. **Las morales de La historia**. Trad. Marta Beltrán Alcázar. Barcelona: Paidós, 1993.

---

## Para citar este artigo

---

MUNHOZ, Ruan Fellipe. A maldição das filhas de Eva: a mulher brasileira pelos olhos de um viajante espanhol. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 7., n. 1., 2018, p. 321-334.

---

## O Autor

---

**Ruan Fellipe Munhoz** é mestrando em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduado em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis), com habilitação em Língua Portuguesa, Língua Espanhola e

suas respectivas literaturas. Licenciado no curso de Português (Português/Espanhol) pela Universidade de Coimbra (UC), no âmbito do Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI), fomentado pela CAPES.